

# CRISTIANISMO: UMA REFLEXÃO PARA O PENSAMENTO OCIDENTAL

João Geraldo Machado Bellocchio

Padre

Vivemos em uma sociedade com referenciais de um secularismo remanescente, em que o sagrado ficou ofuscado pela presença de diferentes expressões do pensamento moderno, gerando conceitos como relativismo, positivismo, materialismo, indiferentismo... Esses “ismos” é que desafiam a religião na atualidade. Outrora, uma sociedade fortemente religiosa começa a perder o seu expoente com o surgimento do Renascimento no início do século XVI, acentuando-se com o ateísmo iluminista do século XVIII e o relativismo religioso que irá ocorrer no início do século XX, permeando por uma subjetividade na fé depois de cair em crise o domínio da razão. A decadência deste reinado racional é observada a partir da segunda metade do século passado, após as desastrosas investidas das duas guerras mundiais. A crença na razão, até então rainha da nova configuração mundial hasteada pelos iluministas, sente o seu enfraquecimento quando o homem percebe que ela também não dava sentido à sua vida. Fé e razão estavam, portanto, à beira da vida mundana. Em quem ou em quê acreditar?

Começa a partir daí uma nova orientação nesta conjectura da sociedade moderna. O ser humano, dirão os deístas, por sua própria natureza, tem o caráter irrevogável do conhecimento da divindade, o “*capax dei*”. Mesmo distante do seu Deus, a essência do homem exige o reconhecimento do criador, razão pela qual sempre buscará uma definição religiosa para a sua existência. Não considerando mais os paradigmas que regeram a humanidade durante milênios, o homem moderno torna-se cético, agnóstico, mergulhando em uma sociedade com o ranço dos dois últimos séculos. Ao mesmo tempo em que o homem não pode negar a sua racionalidade, ele também não pode negar a sua fé. O ateísmo hodierno é diferente do ateísmo do século das luzes, pois é menos agressivo, é mais tolerante e poderíamos ainda acrescentar menos confiável pelo sujeito. Não existe uma convicção clara, da mesma forma como o crente não o terá sobre a sua fé. Se antes os dois tinham um discurso encomiástico, hoje eles buscam uma linguagem dialógica. Contudo, as Instituições religiosas permaneciam com um discurso ultrapassado e, conseqüentemente, perderam a oportunidade de revitalizar a fé religiosa nestes homens. As gerações posteriores virão divididas entre a fé e a razão, com repulsão aos seus históricos do passado. Preferem ficar ora com um pé na linha da fé, ora com o outro no da razão. Esta desconfiança acaba gerando o relativismo religioso a caminho de uma subjetividade na fé. Esse relativismo determina que todas as expressões religiosas são dignas e credíveis, não importando mais qual o Deus que vamos adorar. A revelação não está mais nesta ou naquela religião especificamente, mas em todas. O silogismo é claro: se todas as religiões são boas, todas são praticáveis. Este processo permite ao homem buscar ora em uma, ora em outra, sem definir-se por nenhuma propriamente, os anseios de sua alma, muitas vezes criando uma terceira religião, a particular e própria do indivíduo. Este subjetivismo é vivido, dentro deste contexto religioso, em uma confortável sociedade formada por caixotes deste mercado da religião. A maior tentação desta proposta é julgar que o simples fato de ser bom é suficiente para a salvação do homem diante de Deus. Ser bom deve ser a fundamentação ética de todo ser humano, não precisa ser religioso para isto. É um dever social, meramente. A religião, por sua vez, deve fortalecer o que já existe no ente. Seria o mesmo se disséssemos que a ética só existe com a religião. Com este sofisma, excluiríamos o ateu e diríamos que todo ateu não tem ética. O ateu tem ética e é bondoso. Logo, entenda-se que bondade e ética não são elementos suficientes para adquirir o reino divino; a conduta do crente deve ir muito mais além. A transcendência será o passo decisivo para o homem viver a dimensão da sua fé.

O despontar do novo milênio trouxe nova luz a esta emblemática situação moderna. Razão e fé não são inimigas, mas são companheiras de longa data. Na verdade, foi o próprio homem o pior inimigo delas e as separou diabolicamente como se fossem avessas uma à outra. O encontro dessas amigas se dá novamente a partir do final do século XX, e só então se percebe que elas precisam andar juntas, lado a lado, para ajudar a sociedade humana. João Paulo II, na introdução do seu livro “No Limiar da Esperança”, por ocasião do jubileu do ano 2000, afirmava que a religião deveria ser amparada pela fé e razão, como duas asas que sustentam o alçar do voo de uma pomba. Alguns autores preferem dizer que a ciência é filha da religião. Talvez elas tenham surgido juntas, já que são inseparáveis. É provável que o homo primitivo, sem ter ainda condições de formular explicações racionais para os eventos da natureza, afirmasse através dos seus mitos explicações razoáveis que lhe permitissem entender até então o desconhecido. Mas mesmo para formular tais conceitos, utilizou-se da razão. Até que ponto poderemos dizer que uma gerou a outra?

A fé cristã trouxe para nós um entendimento singular de Deus. A encarnação de Deus anunciada no cristianismo é um desafio para os historiadores ateístas, pois ela ocorre dentro de uma cultura que não tinha antecedentes históricos na sua conduta religiosa. Tivesse ocorrido na Grécia ou mesmo no Egito, ou talvez em outra, seria possível levantar suspeitas sobre esta questão. Mas, ela ocorre dentro de uma cultura que se relaciona com o seu Deus com determinado distanciamento, sendo inclusive inominável, ao mesmo tempo

em que se coloca como juiz da humanidade e exige fiel cumprimento das leis estabelecidas por Ele. Ainda devemos levar em consideração que a comunidade composta pelos apóstolos de Jesus, anunciadores da boa nova, o evangelho, são homens incultos e despreparados para esta novidade. Se para um judeu seria unimaginável falar no nome do seu Deus, longe estaria a possibilidade dele se fazer presente na figura humana e poder tocar nele, inclusive levando-o à morte terrena. Pela lógica judaica esse sistema foge completamente das elucubrações teológicas desenvolvidas em seus conceitos tradicionais no decorrer dos quase vinte séculos que antecedem a vinda de Cristo. Muito mais extraordinário ainda é que este conceito tenha surgido em uma comunidade atípica dos reformadores religiosos, sempre na instância do grupo farisaico. Importante é ressaltar que neste contexto de liderança religiosa, o homem de formação humilde, o que significa neste caso analfabeto, dificilmente discutiria a doutrina com os versados nas leituras da Torah. Esta é a diferença que o cristianismo traz: Deus está dentro da história dos homens, não vive à margem da história a exemplo do complexo mundo religioso da antiguidade. O que era distante, eterno, está temporalizado neste mundo. É uma afirmação desafiadora para os conceitos da época e continua sendo até hoje, quando afirma que este Deus agora está dentro de cada um de nós. Este reducionismo de Deus continua sendo o espinho do cristianismo no decorrer destes milênios. Certamente seria mais fácil presenciar um Deus na sua grandeza criadora olhando o céu e o mundo criado, do que um Deus que se faz homem, fragilizado pela humanidade, tornando inoperante sua capacidade de onipotência. Na contramão desta religiosidade, o cristianismo nos apresenta um Deus oculto-eterno. Na atual concepção moderna é mais fácil crer em um Deus distante, a exemplo das religiões asiáticas, do que neste Deus que se oculta misteriosamente na imagem do homem. O mais difícil ainda é que, nesta redução que se dá dentro da história humana, este Deus encarnado se torne como referência de salvação para toda humanidade. Ironicamente, aquilo que a religião cristã combaterá no futuro como inimiga da compreensão deste paradoxo será apresentado na abertura dos evangelhos, através da palavra de Deus que se faz carne, como o positivismo cristão que, através da humanidade de Cristo, Deus deixa ser tocado e nos toca sensivelmente. Este será o anúncio da fé cristã, o outro será a negação da encarnação. O que deveria tangenciar a compreensão da revelação divina acaba se tornando divergente e inconciliável. Mas, estes são os paradoxos do cristianismo, que não foram feitos para serem entendidos pela razão somente, mas vivenciados na ordem do dia a dia. Só se compreende o cristianismo a partir da experiência e da práxis religiosa.

O grande problema do positivismo racional é que ele busca resposta apenas no factível. Diante da pessoa do homem Jesus de Nazaré, esta concepção se permanecerá sem respostas, apenas contemplando o extraordinário homem que ele foi, a exemplo daqueles que estão nas galerias de outros personagens históricos. O homem é um ser com capacidade do transcendente. Ele vê e contempla, consegue ir mais além da sua objetividade. O fato para ele não se limita apenas no efeito material, mas é capaz de transpor o físico. Não fosse essa capacidade do homem, ele estaria até hoje contemplando o pássaro voar, o peixe mergulhar nas profundezas do oceano, as estrelas ficarem suspensas no firmamento e a lua seria apenas uma idílica manifestação para os eternos amantes. Exatamente porque o homem é capaz de ir mais além é que consegue hoje voar pelo infinito, mergulhar o oceano, atravessar o espaço além do seu habitat natural. A contemplação não permaneceu apenas no espaço material. Ora, se o homem pode transpor essas limitações, porque não pode, então, conseguir ir mais além, atingindo aquilo que lhe parece ser natural? A religiosidade não é algo recente, está presente desde o momento em que o homem começou a ter concepção de si mesmo. Há relatos da crença da continuidade da vida na forma como o aborígine enterrava os seus mortos. Eles eram enterrados em pé, simbolizando que a vida ainda estava presente naquele ser. Enterrar os seus mortos também é um sinal da crença de uma vida pós-morte. O sentimento religioso é nato, próprio do ser humano. Esta é a razão pela qual os padres da patrística alegavam que o homem é um ser capaz de Deus. Se nos estendermos no conceito judaico, em que se dá a revelação por primeiro, o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, então será compreensível que trazemos conosco elementos ou traços do criador.

A palavra “fé” exprime uma entrega ao fundamento do mundo, como sentido que franqueia a liberdade do fazer. Isto é ir ao encontro da própria verdade. No encontro da limitação do conhecimento do factível, a fé eterniza a resposta. Enquanto factível, a verdade só é franqueada como sendo conhecimento calculável, enquanto pela fé a verdade foge do conhecimento baseado no cálculo, razão de continuar transpondo outras épocas. A fé cristã encontra o fundamento que lhe dá sentido no *logos*, em que nos firmamos e tem como sentido a verdade. É a partir deste conceito que se dá a visão de mundo. Por esta razão é que o conhecimento do mundo e do ser só pode nascer da fé e não do conhecimento científico.

A fé cristã é o encontro com este homem chamado Jesus e assim experimenta o sentido do mundo como pessoa. Jesus é a testemunha de Deus, e por intermédio dele o intocável tornou-se tocável e o distante tornou-se próximo. Ele é a presença do próprio eterno neste mundo. Quando falamos da fé cristã entendemos que a pessoa de Jesus de Nazaré é imprescindível ao conhecimento de Deus. Não existe cristianismo sem a presença kerigmática de Cristo. Negar a sua existência dentro do cristianismo é negar a própria religião. É um

fenômeno singular no mundo religioso, todos os arquétipos divinos estão presentes em uma divindade ou divindades. O cristianismo é a única religião em que o arquétipo é o próprio homem oriundo de Nazaré que dá origem a esta religião. É possível distanciar os profetas das demais religiões, mas não será possível distanciar o homem Jesus da religião cristã. Ele é o centro, o alicerce desta concepção cristã. Como consequência deste fato, o cristianismo torna-se religião revelada, plenamente realizada na pessoa de Jesus conforme promessa do Deus que se apresentou para Abraão, referência para as religiões monoteístas. Foi com este anúncio que a nova religião proveniente da Palestina saiu pelo mundo. Ao chegar ao ocidente trouxe consigo a novidade do velho mundo. O novo, que ainda deveria ser civilizado pela nova ordem conquistada na Ásia, se modela dentro dos conceitos cristãos. A nova sociedade na jovem Europa será formada nos alicerces do cristianismo e, conseqüentemente, chegará à futura América. Todo o ocidente traz consigo estes fundamentos basilares da moral e ética cristã. Hoje, quando vozes destoantes se insurgem no ocidente acusando o cristianismo é o mesmo que negar a sua própria história. O que é o ocidente nos dias atuais é em função da religião cristã, que foi mestra e pedagoga durante todos esses séculos. Na maioria das vezes, as críticas se dão a partir dos conceitos da atualidade e se esquece de todo um passado de conquista, permitindo que gerasse a sociedade moderna. É no cristianismo que vamos encontrar a solução de muitos problemas sociais, pois foi ele que gerou hospitais, creches, asilos, escolas, universidades, incentivou a arte e até mesmo a ciência. Quando se fala nos dias atuais em se retirar o símbolo religioso das repartições do Estado e das escolas, se esquece de que foi justamente a partir deste que foi construída toda sociedade. Então, deveríamos retirar também dos livros didáticos e da história toda referência àqueles que honraram sua pátria e que são declarados heróis. Se nós preservamos a memória, é justo que se honre também o instrumento da educação que gerou uma civilização. Se há uma conotação religiosa, é inegável que há também uma conotação histórica. E só por isso já mereceria a continuidade do símbolo cristão, para lembrar as gerações futuras o que representa o cristianismo para o ocidente. Ao cair na negação dessas premissas, o homem corre o perigo de esquecer-se da reflexão sobre si mesmo e sobre o sentido do seu ser. Ele reduz a história somente à sua história. Esta é uma tendência mundial, pois negando o conhecimento adquirido universalmente, o individualismo penetra a nossa sociedade, mitigando os conhecimentos dos seus ancestrais e banalizando o passado. A fé faz parte das decisões fundamentais do ser humano. Existe uma área que não admite uma resposta que não seja a fé. No marxismo é possível encontrar a maior tentativa de associar a fé ao conhecimento factível. Com a queda do regime, o homem fica suspenso, sem destino. A fé sustenta o homem para que ele tenha forças para calcular e agir. O sentido da nossa existência não pode ser somente através da produção. No conceito cristão de definir a fé, é confiar-se no sentido que sustenta o ser e o mundo, reconhecendo-o como a base firme sobre a qual se pode se firmar sem receio. A fé cristã coloca o aceitar antes do produzir, sem desprezar este último conceito. Só se pode fazer porque se recebe algo. Só se pode ser o que se é porque recebemos de alguém. Só temos a sociedade atual porque outros a cultivaram para nós. E esta cultura aparentemente hoje fragilizada foi conquistada através da cruz.